

Lutaremos até à vitória

— dizem oficiais do batalhão que destruiu a base de Calanga

por Lourenço Jossias

N. 8/10/87

Depois do falhanço da sua estratégia de dividir o nosso País através do rio Zambeze, o regime do «apartheid» ordenou os seus agentes no interior de Moçambique, para a realização de massacres brutais no Sul do País. Daí os massacres de Homoine e de Manjacaze, que provocaram, no total, mais de 500 mortos inocentes. Daí a intensificação das acções terroristas que, entretanto, encontram uma saudável resposta das Forças Armadas de Moçambique/FPLM.

Não é pouco, com efeito, o esforço que se faz em defesa deste país agredido pelo «apartheid». Pelo país fora, milhares de soldados, oficiais e outros membros das forças paramilitares, defendem, com bravura, as fronteiras do País.

Recentemente, foram destruídas duas bases inimigas nas províncias de Gaza e do Maputo, nos distritos da Macia e de Manhiça, numa acção que provou, mais uma vez, como é

correcto o caminho seguido pelo nosso exército com vista sua reorganização.

Nos arredores da cidade de Maputo, um batalhão actuante, eficiente e bastante operativo foi apresentado aos jornalistas nacionais e finlandeses, tendo sido divulgadas, nessa altura, as informações que aqui publicamos.

Num sábado de chuva intermitente, os soldados e os oficiais desse bata-

lhão contaram, como é que destruíram as bases de Macia e de Kalanga, que eram consideradas estratégicas devido à sua localização.

Perante os olhares dos seus comandos, o capitão Armando Djassi, chefe do Estado-Maior do referido batalhão e o capitão Nunes Pereira, comissário político do mesmo batalhão, deram a conhecer, mais uma vez, os métodos brutais usados pelos bandidos armados, na sua tentativa de sobrevivência, já que a vitória, está do nosso lado — como disse o capitão Nunes.

Armando Djassi, um dos oficiais do referido batalhão, contou que a base de Kalanga, destruída a 15 de Agosto, tinha um raio de dois quilómetros quadrados.

— Quando recebemos a ordem de destruir a base, empreendemos uma acção militar rápida, de surpresa, que culminou com a sua destruição e ocupação efectiva com um saldo de 20 bandidos mortos — conta o capitão Djassi.

Para além dos mortos confirmados no terreno, os oficiais desta unidade militar dizem que foi capturado diverso material de guerra, recuperados vários e importantes bens da população. Libertámos também nessa acção, cerca de 300 homens que eram cativos dos bandidos — conta o capitão Djassi.

A base de Kalanga, que se situava a 18 quilómetros, era considerada bastante estratégica pelo inimigo e era dela que partiam os grupos terroristas que massacravam pessoas na estrada nacional n.º 1.

— Emboscavam carros e colunas que iam na direcção Maputo-Inhambane e vice-versa, aterrorizavam as populações de Taninga, Palmeiras e Maluane — quem conta isto é o capitão Nunes Pereira da mesma unidade militar.

Os combates foram duros mas tomámos a base de surpresa. Nesse dia, dizem os soldados, o comandante dos bandidos se preparava para o seu casamento no dia seguinte, possivelmente com uma mulher raptada e forçada a cometer tal acto.

O comissário político desse batalhão que tão boa impressão causou aos jornalistas, quer nacionais quer estrangeiros, disse que a operação Kalanga tiveram lugar na sequência de outras acções regulares feitas ultimamente. Recordou a propósito a destruição da base de Macia em Gaza, afirmou:

— Também aquela era uma base estratégica pois os bandidos recebiam material de guerra da África do Sul, facilitados pelo mar.

Os soldados e oficiais, do referido batalhão baseado nos arredores de Maputo, reconhecem que a operação

que culminou com a tomada da base de Macia foi bastante delicada, pois eles ocupavam uma vasta área. Foi preciso portanto um cuidado extremo para que tivesse êxito e fossem abatidos vários bandidos.

O capitão Nunes Pereira, diz que as operações continuam, pois os rapazes estão moralmente bem. Querem é obrigar o inimigo a abandonar as suas acções criminosas e a entregar-se, pois esse é o único meio.

No que diz respeito ao moral dos jovens soldados ali presentes, mais do que nós, passámos a palavra para um dos jornalistas finlandeses presentes, que falou sobre a realidade que conhecia antes e a que vira naquele momento:

— Ouvia dizer que os soldados andam mal-vestidos e mal-equipados. Mas vejo que têm boa roupa e apresentam-se felizes.

Num sábado à tarde e ainda por cima com chuva, foi boa a impressão que tivemos daqueles jovens que estavam devidamente fardados e armados, ocupando as suas posições.

Renovam a sua promessa de que a vitória está do nosso lado, pedindo-nos, a terminar, para que os visitemos mais vezes.

A saída das tendas, disseram-nos mesmo que venham lá trabalhar connosco nas operações. Ai verão como venceremos.